

A PALAVRA DIVERGENTE. PREVISIBILIDADE E IMPREVISIBILIDADE NAS INOVAÇÕES LEXICAIS DA FALA DE DUAS CRIANÇAS¹

ROSA ATTÍE FIGUEIRA
(UNICAMP)

ABSTRACT

Lexical coinages encountered in the speech of two children learning Brazilian Portuguese were examined and found to reveal aspects of both predictability and non-predictability. Various divergent words observed reflect tendencies in word formation which stretch the limits of the possibilities of the language.

Two distinct types of lexical coinages were observed. The first was that of nouns coined from verbs where the creations reveal the use of derivatives of verbs identifying actions or processes to designate the objects or effects of these actions. In such innovations, it is predictable that the word created will be marked with a nominal suffix (either -o or -a), but unpredictable which one will be used.

The second type of coinage consists of unexpectedly reduced or abbreviated forms of the corresponding word in the adult lexicon, resulting in a deviant word of the same grammatical function. These equally unpredictable occurrences are explained by the hypothesis of divergent segmentation by the child, an operation which involves processes which may be semantically motivated morphological one and/or prosodic ones derived from the structural rhythm of the sentence.

A consideration of phenomena which affect linguistic production on the word level leads to the conclusion that both phonological and morphological or lexical elements must be integrated to account for the innovations encountered in the production of a child learning its mother tongue.

¹ Uma parte deste trabalho, a que trata dos deverbais (seção 1), foi apresentada sob a forma de comunicação no IV Encontro Nacional de Linguística Aplicada.

(J. pede à empregada)
J. Cê faz mamadeira?
E. Faço pouco.
(pouco depois)
J. E cê só põe duas pinga, tá?
(a empregada fica perplexa como pedido de
J; diante do silêncio desta, J pensa que não
foi ouvida; então grita)
J. Cê só põe duas pinga, tá?
E. Hein?
J (entendendo ou fingindo entender). Tá.
(D — 4;3.19)

0. A aquisição do léxico é uma parte importante no estudo do desenvolvimento lingüístico da criança e tem sido abordada de maneira a incluir, de forma privilegiada, as criações espontâneas na fala da criança (ver, por exemplo, Clark 1982, 1993; Bowerman 1982).

A criatividade lexical exibida na fala da criança pequena — sua capacidade de produzir palavras novas, que não se encontram originariamente na fala dos adultos que com elas convivem — é, ademais, um fenômeno que desperta a atenção do mais desarmado dos observadores, pais ou familiares, que, na maioria das vezes se surpreendem e se encantam com ela. Mas são os estudiosos da área que vão extrair desse material as explicações mais consistentes, dentro de seu quadro geral de indagação a respeito de como se dá a aquisição dos vários domínios da estrutura lingüística.

Quem quer que observe o vocabulário de uma criança em fase de aquisição da língua materna terá tido a oportunidade de registrar cunhagens espontâneas, que vão de ocorrências onomatopaicas até formações que mostram sinais de processos de derivação e composição. E é para um pequeno segmento desta vasta área que dirigimos nosso foco de interesse nesse artigo.

Entre as inúmeras criações produzidas pelas crianças cuja aquisição da linguagem temos observado, uma classe específica de inovações lexicais — a dos deverbais — chamou nossa atenção pela oportunidade que dá ao investigador de abordar a questão do caráter ao mesmo tempo previsível e imprevisível das novas formações. Exibindo a formação de nomes a partir de verbos, mediante um processo que pode ser caracterizado como de derivação regressiva, o exame dessa classe (a ser tratada adiante em 1) levou-nos de maneira natural a olhar também para um outro fenômeno (a ser tratado em 2), que envolve igualmente um processo de redução ou abreviação da palavra, embora sem alterar-lhe a classe gramatical. Como num e noutro caso, o resultado é uma ocorrência **diferente** daquela que se observa no léxico do adulto (por vezes até insólita), uma e outra classe foram aqui reunidas sob o título acima. Delas se procurará extrair material para uma discussão sobre os processos que se podem supor

presentes na fala da criança quando de sua emergência, processos que afetam esse nível para o qual se reserva em teoria lingüística o termo — insubstituível — de palavra.²

Os dados procedem dos “corpora” de Anamaria e Juliana, crianças cujo processo de aquisição do português como língua materna foi observado longitudinalmente, suas produções lingüísticas anotadas em Diários (adiante, D) e em gravações sistemáticas (adiante, G) com intervalo de uma semana entre uma sessão e outra. As crianças (daqui em diante, referidas pelas iniciais) foram gravadas em contexto natural, em interação com um interlocutor adulto, na maior parte das vezes a mãe, que é a própria pesquisadora. No caso de A, isto foi feito dos 2;8 aos 5, no caso de J, de 1;6 a 5. As anotações de Diário, no caso de A, se estendem até 7;7 de idade.

1. Quando se fala em inovações lexicais na fala de crianças pequenas, um domínio, que ocorre à maioria das pessoas imaginar, é o das novas palavras formadas por sufixos. Por exemplo, as designações para agente, tais como: **vassoureiro** (para o homem que faz faxina), **planteiro** (para o homem que cuida das plantas, o jardineiro), **pinteiro** (para o homem que pinta quadros).

O primeiro é um item que acabamos de inventar, supondo-o possível na fala de crianças; os outros dois são realmente atestados. **Planteiro** foi registrado por Santos (1995), na fala de L, 4;0.2 de idade (**Olha lá gente, o planteiro está consertando o jardim**), e faz parte de um conjunto apreciável de inovações lexicais encontradas pela autora na fala de crianças entre 2;8 a 4;8. Já **pinteiro** foi produzido por um de nossos sujeitos, J, quando esta, depois de olhar fixamente para um quadro pendurado na parede, perguntou ao pai:

(1) J. Quem pintou este quadro, pai?
Deve ser uns **pinteiros**, né? (D — 3;11.10)

Essa ocorrência mostra o uso do sufixo -eiro para formar um nome, ou aquilo que na teoria lingüística se chama de “agente”³; e foi registrada bem próximo a outras duas,

² Lembremos aqui o que diz Benveniste, em “Os Níveis da Análise Lingüística” sobre o termo palavra: “Permita-nos (...) conservar esse termo desacreditado — e insubstituível” (1962/76, p. 131).

³ É desnecessário acumular exemplos para convencer o leitor da produtividade desse processo, e nem é nosso objetivo ser exaustivo em relação às criações envolvendo sufixação nos “corpora” de A e J. Contudo, pode-se ajuntar aqui uma ocorrência que se surpreende bem adiante, aos 4;8 de idade de J, numa sessão de gravação de que participavam a mãe e a irmã mais velha, A.

(A e J, as duas irmãs, estão a poucas horas de viajar para a casa da avó)

M. Cê vai dormir no bercinho?

J. Vou.

M. É?! Mas cê não é nenê mais.

J. Mas eu durmo assim mesmo.

M. Hein?

J. Mas eu durmo (ao repetir, modifica a voz)

M. Cê dorme assim mesmo?

J. Durmo! Eu sou bamba.

M. Hum?

J. Eu sou **dormideira, dormideira**.

em que o mesmo sufixo se presta à expressão do que se chamaria, na mesma teoria lingüística, de “instrumento”.

- (2) (J observa com curiosidade que as canetinhas hidrocores da irmã tinham todas uma etiqueta com um nome)

J (para a mãe). Por que tem este papel na **pintadeira**?

M. O quê?

J. Por que tem este papelzinho na **pintadeira**?

M. Como chama isto?

J. **Pintadeira**. (D — 3;11.26)

- (3) (A irmã de J está fazendo seus trabalhos escolares; J acompanha interessada)

J (sugerindo). Usa aquela **pintadeira**, Anamaria.

(D — 3;11.27)

Não precisamos dizer que ninguém no contexto doméstico se referia assim àquele objeto: a caneta hidrocor. J criativamente, através de um recurso morfológico, encontrou um modo de identificá-la pelo seu aspecto mais saliente, o de servir para dar cor, pintura. Além da afixação, outros recursos são espontaneamente usados para designar objetos: da mesma criança registra-se a composição **tira-cainha** (= **tira-carninha**), para nomear nada menos do que o **palito**; já da outra criança observada, Anamaria (A, daqui em diante) registram-se dois sintagmas, igualmente interessantes: **colar de rezar** para **terço** e **durex de medir** para **fita métrica**, além da expressão **bochecha do braço** para o braço musculoso do atleta. Do ponto de vista semântico, essas designações reúnem traços de nomeação descritiva, mas não se pode deixar de ver nelas uma extensão analógica. Quanto à sua estrutura sintática ou formal, deve-se notar que em **colar de rezar** e **durex de medir**, o S. Prep. tem um valor distinto da seqüência Prep. + N de **bochecha do braço**, já que serve para especificar o valor **funcional** do objeto, referindo-se à ação, (de **rezar**, **medir**), a que se presta o objeto nomeado. Abaixo, as ocorrências.

M. Cê é uma/ uma dormideira?

A. Cê é uma **dorminhoca**. (G — 4;8.4)

Quanto a A, deixemos registrado apenas a ocorrência — que foi muito freqüente — de **ajudadeira**, em contexto compatível com o sentido de empregada ou ajudante doméstica. Exemplos:

(A mãe pede a A para pegar um grampo de cabelo que está dentro da casa)

A. Pega você, uai. Eu não sou **ajudadeira**.

(mais tarde)

A. Eu não vou pegar, não.

M. Por quê?

A. Porque eu não sou **ajudadeira**. (D — 4;0.19)

- (4) (Agitada, J vai da copa para a cozinha, pedindo à mãe algo que está no armário)
 J (apontando sua boca). Dá!... Dá!...
 M. O quê?
 J (hesitante). O **tira-cainha** (= o tira-carninha)
 (D — 2;3.21)
- (5) (Pedindo para a empregada a fita métrica)
 A. O Maria, cê me dá o **dureque de medir**?
 (D — 3;7.8)
- (6) (A volta da igreja, onde tinha visto pessoas rezando com o terço)
 A. Mãe, cê tem um **colar de rezar**?
 (D — 7;4.19)
- (7) (A vê na televisão um homem de bípeps avantajado fazendo exercícios)
 A. Olha a **bochecha do braço** dele!
 (D — 4;5.21)

São estas inesperadas criações, que surgem aqui e ali na fala das crianças, que têm feito a alegria não só dos familiares, como também dos pesquisadores, já que tais cunhagens espontâneas exibem uma parte do conhecimento lingüístico em vias de aquisição pelos falantes. Veja-se Clark (1982, 1993), com seus trabalhos sobre o léxico, como um exemplo do interesse por esta área de estudos.

Para continuar a linha de ilustração já iniciada pelos dados (1) a (3), poder-se-iam acrescentar outras ocorrências de J.

- (8) (Vendo um tipo suspeito, um ladrão, em cena de novela na tevê,
 J se dirige a ele, em tom teatral)
 J. Quem é você, **roubador de anéis**?
 (D — 4;5.17)
- (9) (J sente cheiro de algo saboroso; começa a aspirar o ar, tentando saber de onde vem; depois se autodenomina)
 J. Eu sou **seguidor de cheiro**.
 (D — 4;6.20)
- (10) (J passeia com a mãe pela calçada; em certa altura pega um galho seco e aponta para a mãe que vai na frente)
 J. O **seguidor de mãe**. Esse daqui.
 (D — 4;6.16)

- (11) (J se volta inesperadamente para a mãe)
J. Mãe, vai falando mais alto que eu sou assistente de **faladores**.
(D — 4;6.28)

Nas ocorrências acima, vê-se o processo morfológico de formação de palavras dando lugar a: **roubador** (em lugar de **ladroão**, termo este que não era desconhecido da criança); **falador** (em lugar de **locutor**, este provavelmente não-integrante de seu léxico); além do item **seguidor**. Este último compõe duas expressões sintaticamente iguais, mas que servem para rotular entidades diferentes: numa, o agente (“eu sou seguidor de cheiro”), noutra, o instrumento, já que J fala de um galho a que atribui a função de seguir a trilha da mãe (“o seguidor de mãe. Esse daqui”). Vê-se então que o sufixo -dor, assim como -eiro, (cf. ocorrências 1, 2, 3) se prestam, na fala da criança, a formar palavras que nomeiam pessoas e instrumentos, nada diferente, em suma, do que acontece na língua adulta, que tem acolhido tantas formações novas com tais sufixos.⁴ O aspecto da previsibilidade está contemplado aqui. O que faz a novidade é que nessas ocorrências, em vez de um item totalmente distinto, que passa ao largo de qualquer motivação interna, **ladroão**, a criança elege outro, **roubador**, que guarda uma relação de motivação com outros, já que convoca de maneira transparente, no eixo paradigmático, **vendedor**, **cantor**, **entregador**, etc., à semelhança dos quais a palavra nova teria se formado. Dir-se-ia que ela recusa o arbitrário absoluto, ficando, neste caso, ao lado da designação relativamente motivada.

Tais inovações são muito interessantes pelo aspecto da discussão que levantam a respeito da tensão entre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo, tensão esta evidente em muitos subdomínios da aquisição do léxico pela criança, como, por exemplo, o da aquisição dos pares de reversos (cf. Figueira, a sair); e a ela voltaremos a seguir. Mas deixe-nos colocar agora nosso foco de atenção sobre a classe específica das inovações **deverbais** regressivas registradas na fala dos dois sujeitos.

A designação “deverbais” será aqui usada com uma certa liberdade. Na verdade, não ignoramos que o caso das chamadas derivações regressivas em português é muito complexo, sendo impossível, na maioria dos casos, “determinar com exatidão se temos uma formação regressiva ou se temos um substantivo básico de que o verbo se teria formado” (Basílio 1987, p. 41).

No tratamento dos deverbais, Basílio enfatiza a sua condição de substantivos abstratos formados a partir de verbos “para atender a exigências sintático-semânticas do discurso; daí a enorme produtividade do processo de substantivação de verbos” (id, p. 42). “Uma das mais importantes funções é a de expressar o significado do verbo dentro de uma visão nominal; outra é de dar ao significado do verbo uma forma sintática de substantivo para que possa figurar em certos tipos de estrutura (...)”, continua a autora (id., pp. 42-43). Será interessante notar, ao se acompanhar, adiante, a apresentação dos deverbais encontrados nos “corpora” de A e de J, que, em sua maioria, são passíveis de uma interpretação como “resultado/efeito do ato de X”, num emprego que faz um

⁴ Só para não ficar sem ilustração, eis alguns itens neológicos designativos de ocupações, que deram entrada recente no léxico do português: **doleiro**, **plaqueiro**, **sacoleiro**, **manobreiro** (ou também **manobrista**). Para aparelho ou instrumento, tivemos: **iogurteira**.

recorte *nominal*, como mostra a sua própria distribuição sintática. Tomam, além disto, as marcas morfológicas próprias do nome, com a possibilidade de receber marca de diminutivo, como em **arranhinho** (para **colchete**).

Também não desconhecemos que, em alguns autores, como Khedi (1995), a designação de “deverbal” é mais ampla, cabendo a três grupos bem diferenciados: “os que são formados por derivação regressiva (**caça**, de **caçar**; **ataque**, de **atacar**); os que resultam do acréscimo de um sufixo ao radical/tema verbal (**construção**, **desmoronamento**), designados como deverbais sufixais; e (...), os resultantes da deslocação, acento tônico com relação à forma verbal correspondente (**réplica** (subst.) e **replica** (verbo)” (op. cit., p. 422). A nós interessarão neste trabalho apenas os casos que pertencem ao primeiro grupo.

Dentre todas as inovações lexicais recolhidas na fala dessas crianças, esta classe é particularmente interessante pela oportunidade que nos dá de tecer alguns comentários sobre o caráter ao mesmo tempo previsível e imprevisível das novas formações. Assim, os itens em que se pode reconhecer uma manifestação de um processo morfológico de derivação regressiva começaram a nos interessar também como lugar empírico adequado para se refletir sobre os limites da previsibilidade de um processo.

Voltando a Basílio (1987, p. 39), afirma-se que o grupo mais importante de derivados regressivos em português (língua adulta) está na substantivação de formas verbais, que se faz por terminações em -o, -a ou -e, como pode ser ilustrado pelos exemplos abaixo:

nadar — nado; jogar — jogo; aguardar — aguardo; amparar — amparo; abrigar — abrigo; agradar — agrado; ensinar — ensino; etc.
falar — fala; lutar — luta; demorar — demora; comprar — compra; buscar — busca; entregar — entrega; desovar — desova; visitar — visita; etc.
aceitar — aceite; encaixar — encaixe; atacar — ataque; desmamar — desmame;
cortar — corte; tocar — toque, etc.

Podendo ser feita pelas três desinências nominais, a formação dos deverbais se mostra heterogênea, o que não parece ser governado por nenhum fator previsível. De fato, como prever que o verbal de um item X terminará em -o, -a ou -e?

Feita esta breve introdução, suficiente para os nossos propósitos, cabe-nos alinhar os dados registrados nos “corpora” de nossos sujeitos e que mostram formações que se comportam como substantivos, em que em vez de aumento de palavra (por sufixação), ocorre diminuição ou supressão.

Inicialmente, as ocorrências recolhidas da fala de A, que formam um conjunto de mais de vinte deverbais.

(12) (A está brava com a mãe e a ameaça)

A. Se você não deixar, eu vou dar um **apanho** em você.

(29^a — 3;5.22)

- (13) (A está vendo televisão com a mãe; aborrece-se ao ver de novo a figura do repórter no vídeo)
A. Se aquele homem aparecer mais uma vez, eu vou dar uma batida nele.
(Surge novamente a figura do repórter)
A. Ai. Mais uma vez eu vou dar uma **apanha** nele.
(D — 3;6.27)
- (14) (Olhando o catálogo de tintas, A aponta para uma amostra de cor)
A. Queria esta **pinta** aqui.
(D — 3;7.4)
- (15) (A observa o catálogo de tintas)
A. Não sei qual **pinta** que eu que eu quero... Qual cor...
(D — 3;7.5)
- (16) (A abre uma pasta e se vê papéis com anotações da mãe)
A. Ah! Que boa que você fez!
M. O quê, bem?
A. A **pinta**.
M. Que pinta?
A. A **pinta**.
(D — 3;3.2)
- (17) (A mãe traçava num papel figuras para a criança preencher)
A. Faz outra **risca**⁵ aqui.
E pega outro papel limpo.
(D — 4;0.15)
- (18) (Indagando sobre o horário de programa de músicas na televisão)
A. É agora que tem a **canta**?
(G — 3;10.5)
- (19) (Depois de assistir a representação da peça “Os Saltimbancos” com a mãe, A diz para o pai)
A. Eu fui no Saltimbanco. Tinha **canta** lá.
(D — 4;0.17)
- (20) (Desligando o gravador, que tocava uma fita de músicas infantis)
A. Acabou a **canta**. Agora vamos tocar ‘tegafia’ (= tirar fotografia)
(D — 4;0.23)

⁵ No caso da ocorrência: (**outra**) **risca**, no contexto de brincar de fazer figuras num papel, não fica excluída a possibilidade de ter havido um cruzamento com a forma feminina **linha**.

- (21) (Pedindo para ligar a música no rádio)
 A. Liga a **canta** prá mim. Liga a **canta**.
 (Como a mãe não a atendesse)
 A. Liga a **canta**.
 (D — 4;0.27)
- (22) (A empregada desliga o televisor quando este apresentava um programa musical)
 A. Cê não vai ver a **canta**?
 (D — 4;2.1)
- (23) (A mexe nas teclas para mudar o canal da televisão)
 A. Vou colocar na **canta** que você gosta.
 (D — 4;8.19)
- (24) (A se surpreende ao ver a mãe na casa de uma amiga descascar legumes; admirada, pois raras vezes vê a mãe cozinhando, diz)
 A. Minha mãe tá fazendo a **cozinha**!
 (D — 4;3.26)
- (25) (Mãe e filha voltam da festa comemorativa do Dia das Mães, A tinha cantado uma canção indígena)
 A. Cê gostou da minha **canta**?
 (D — 4;5.19)
- (26) (Aprendendo a discriminar as palavras, A pergunta à mãe)
 A. Mãe, gavabunda é... é... é **xinga**?
 M. Hein?
 A. Gavabunda (= vagabunda) é **xinga**?
 M. Não.
 (D — 4;7.25)
- (27) (A oferece cigarro de chocolate à mãe)
 A. Quer fumar, moça? Tem **fuma**.
 M. O quê, bem? O que que tem?
 A. Tem fumá.⁶
 (D — 4;10.7)

⁶ Deve-se notar neste diálogo a flutuação na nomeação de cigarro, que passa na fala de A da forma nominal deverbal (o) **fuma**, com padrão acentual de palavra paroxítona, para a forma: **fumá**, com padrão acentual de palavra oxítona, mais próxima da forma infinitiva do verbo. Outros exemplos em fase mais inicial, mostram este uso da forma verbal em distribuição sintática de substantivo. Assim, nas ocorrências abaixo, em contextos em que seria esperado uma palavra — para falar como Ulmann — opaca: **tecla e bico**, registram-se outras: **ligá e enguli**, diretamente associadas às ações que tais objetos têm por função realizar.

(A está entretida com o gravador; a mãe tenta desviar sua atenção do aparelho)

M. Que é que você fez ontem na escolinha?

A. Eu vou mexê aqui no **ligá**, porque não tá ligano. Vou consertá ele. Consertá. (mexe na **tecla** do gravador)
 (G — 2;10.20)

(A brinca de casinha com a mãe; finge que prepara a mamadeira da filhinha;

- (28) (No clube, A pede para a mãe empurrá-la para dentro da piscina)
 A. Me dá um **empurro**.
 (Pouco depois é a vez da criança empurrar a mãe na piscina)
 A. Eu te dei um **empurro**.
 (D — 5;2.9)
- (29) (A criança pede à mãe para abotoar o sapato, cuja tira tinha se descosturado, resultando em duas)
 A. Isto é muito difícil porque a **amarra** dele fica dusa. (dusa = duas)
 (D — 5;3.13)
- (30) (A e J estão no banco de trás do carro. A quer ir para a frente porque J a está incomodando)
 A. A Ju me dá um **puxo**. Eu não vou ficar aqui não.
 M. O quê? Um impulso?
 A. Não. Ela me puxa.
 (D — 5;4.14)
- (31) (A conversa com o pai sobre idade; lembra-se então de que no Dia dos Pais dera a ele um estojo parecido com um isqueiro)
 A. Por que você não pega aquele de **fuma**?
 (D — 5;9.8)
- (32) (Todas as noites, A se preocupa com a segurança da casa. A mãe procura despreocupá-la, dizendo que a porta está bem fechada. A criança lembra-se então de que uma das portas é mais difícil de trancar, o que lhe parece ser uma vantagem)
 A. Eu gosto que aquele **tranco** é difícil.
 M. O quê?
 A. Aquele **tranco**. Assim não entra ladrão.
 M (percebendo do que A estava falando). A fechadura!...
 (D — 5;9.9)
- (33) (A e J brincam na rede)
 A. Eu dei um **empurro** na Ju.
 (D — 6;0;6)
- (34) (A mãe faz um ditado para A; prevê que vai usar seis linhas; A esconde o ditado com as mãos, querendo esconder da mãe a altura em que o ditado está)
 A (em tom mais baixo, como que planejando). Fazer uma **engana** nela.
 (D — 6;0.26)

não acha o **bico** da mamadeira)
 A. Cadê o **guli**?

(G — 3;2.7)

- (35) (Chegando ao clube, A quer lavar os pés sujos de terra; procura o banheiro, onde teria uma pia; como não a vê, pergunta)
A. Onde é a **lava**?
(D — 6;1.17)
- (36) (Depois da aula de natação, A confere com a mãe, que ficara observando de fora, as duas partes da aula: fora da piscina tinha havido exercício de aquecimento, e dentro, natação)
A. Teve bastante gina'ca?
M. Teve.
A. E a **nada**?
(D — 6;1.18)
- (37) (A mãe ia pintar o rosto de A com tinta plástica; A adverte a mãe pensando que se trata da tinta errada)
A. Mãe, cê pegou a **pinta** ruim! Essa não sai!
(D — 6;2.24)
- (38) (Ao pisar no laço da sandália, A quase cai)
A. Eu pisei no **amarro**.
(D — 6;5)
- (39) (A veste meia longa e esta fica enrugada; sente-se desconfortável)
A. Eu não gosto assim. Fica com **embolo, enrugado**.
(D — 7.7.12)

No conjunto acima estão reunidas ocorrências em que a criança dá mostras de ter criado, a partir de outro, um item que funciona como substantivo. E com isto nomeia, rotula, seja um objeto (veja-se o caso de **tranco** para **fechadura/tranca**, **lava** para **lavatório/pia**), seja o efeito resultante de uma ação (veja-se o caso de **a canta** para **o canto**, **a música** ou **a programação musical**; **a xinga** para **o xingamento**, **xingo** ou **palavrão**; **a nada** para **o nado** ou **a natação**).⁷ Enquadram-se num destes dois casos as ocorrências de **apanha/apanho**, **canta**, **cozinha**, **zinga**, **fuma**, **amarra/amarro**, **empurro**, **puxo**, **tranco**, **engana**, **lava**, **nada**, **pinta**, **embolo**, **enrugado**.

Acrescentemos agora os deverbais que foram produzidos por nosso segundo sujeito, J.

- (40) (Dentro da barraca, no acampamento, J nota que começa a pingar)
J. Pai, pegou uma **pinga** em mim.
(D — 3;8)

⁷ Veja-se que para (36) e (26), uma das formas possíveis na língua adulta seria a palavra formada por -ção e -mento (**natação**, **xingamento**), mas na fala de A, -ção e -mento como sufixos formadores de substantivos não foram tão produtivos como aconteceu na fala de J, de que são exemplos: **o agradamento**, **a demoração**, **o choramento**, adiante transcritos.

(41) (J está desconfortável com a roupa que está vestindo; a mãe quer saber o que a está incomodando; a criança lhe indica o colchete, dizendo)

J. O **arranhinho**.

(D — 4;2.13)

(42) (J pede à empregada)

J. Cê faz mamadeira?

E. Faço pouco.

(pouco depois)

J. E cê só põe duas **pinga**, tá?

(a empregada fica perplexa com o pedido de J; diante do silêncio desta,

J pensa que não foi ouvida; então grita)

J. CÊ SÓ PÔE DUAS PINGA, TÁ?

E. Hein?

J. Cê só põe duas **pinga**.

E (entendendo ou fingindo entender). Tá.

(D — 4;3.19)

(43) (Observando uma parede da casa)

J. Tem um **racho** ali na nossa casa.

(D — 4;5.28)

(44) (A mãe oferece leite à criança)

M. Cê quer leite, Ju?

J. Duas **pinga** de leite e três **pinga** de leite.

(D — 4;6.4)

(45) (Começa a chover forte, formando-se uma goteira na varanda; a mãe se apressa em colocar um recipiente para aparar a água; J se aproxima)

J. Tem uma **pinga** bem em cima da minha cabeça.

(D — 4;6.19)

(46) (Subindo num ônibus, J hesita diante da catraca (“borboleta”))

J. Eu não posso ir por baixo da **passa**, mãe?

(D — 4;6.19)

O curioso na produção de alguns dos nomes acima é que a forma deverbal assume uma terminação **diferente** daquela que se encontra fixada na língua adulta, para aquele uso. O exemplo mais flagrante disto está no “corpus” de J na ocorrência de **pinga**, que chega a assumir, no diálogo com a empregada, um nível de incompreensão e até de perplexidade, como está registrado pela observadora. J está falando de **pingo** (“gota”, “porção”) e a empregada pensa, num primeiro momento, tratar-se de **pinga** (bebida alcoólica). Tudo isso porque o deverbal de **pingar** assumiu na produção de J a forma

em -a e não em -o; e a língua adulta reserva para estas formas sentidos distintos; fato que, a esta altura, não é conhecido da criança.

Mas vejamos a totalidade dos empregos, abarcando agora os dados dos dois sujeitos. O deverbal de **cantar** é **canto**, de **riscar** é **risco**, de **nadar** é **nado**, de **enganar** é **engano**, todos em -o, mas quanto a **trancar** seu correspondente nominal é **tranca**, em -a. Ora, na fala das crianças, os primeiros aparecem com a terminação -a, e a segunda, com a terminação -o, ao lado de dois casos em que há flutuação: **apanha-apanho**, **amarra-amarro**. Dir-se-ia que ao produzir suas formações deverbais a criança rompe com a expectativa do que está cristalizado no sistema lingüístico adulto, como opção já fixada, para aquele uso; o que dá à sua fala o colorido de forma divergente. Mas o que deve ser notado é que, antes de ser divergente, sua fala deixa ver **outras** possibilidades que não estão imobilizadas na língua já constituída. Por isso seria apropriado dizer que estas inovações permitem contemplar a língua em movimento, isto é, anterior ao momento em que determinadas escolhas se fixaram, restringindo-se a determinados usos. A fala da criança se abre assim, nesse caso, a uma outra combinação possível ou a uma “possibilidade esquecida da língua”, para lembrar uma passagem de M. T. Lemos (1994). O “erro” ou ocorrência divergente dá visibilidade a isso, permitindo enxergar a heterogeneidade lingüística.

Mas antes de deixar este grupo de dados convém notar que, pelo menos duas ocorrências, as de **puxo** e **empurro**, levantam uma dúvida. Alguém poderia indagar: trata-se de deverbais de **puxar** e **empurrar** ou de formas reduzidas de **puxão** e **empurrão**?⁸ Naturalmente, não é possível chegar a uma conclusão a esse respeito. Mas isso não retira do dado a sua importância, já que estamos interessados em mostrar como a fala da criança pode abrigar movimentos variados e surpreendentes, que dizem respeito à **estrutura** da palavra. E que, neste caso, resulta numa palavra divergente, que chega a “mexer” em limites consolidados da língua.

Em relação a ocorrências como **passa** (para **catraca** ou **borboleta**) ou **arranhinho** para **colchete**, como caracterizar esta diferente opção buscada pela criança? Esperava-se quando não **catraca**, ao menos **borboleta**, e a criança diz **passa**. Perfeitamente explicável, já que o item escolhido exibe uma motivação interna com **passar**, motivação esta ausente em **catraca**, onde o que reina é o arbitrário absoluto. Quanto a **arranhinho** (por **colchete**), é igualmente nítida a sua origem motivada: sua relação com **arranhar**, de que seria o deverbal na forma diminutiva. Ou seria com **arranhão**? Não importa, tudo o que este dado revela é que J está se valendo de um processo morfológico que alinha ou que coloca palavras **em relação**, de acordo com as suas possibilidades de formação analógica. E fazendo isto, pende para o relativamente motivado, limitando o arbitrário absoluto do signo lingüístico. Com efeito, não se pode deixar de olhar a derivação como uma manifestação do relativamente arbitrário, e remeter à discussão a Saussure nas passagens do *Curso* em que se atenua a afirmação sobre o caráter arbitrário do signo lingüístico, reconhecendo-lhe a motivação relativa. Na fala da criança, como em outros domínios onde se observam formações neológicas (por exemplo, na língua adulta ordinária ou no universo da criação literária), observa-se

⁸ Ver adiante (seção 2) uma discussão sobre outras palavras submetidas a um processo de abreviação ou redução.

uma tensão entre estes dois pólos. Para usar uma designação que se encontra no *Curso de Lingüística Geral*, há palavras produtivas e palavras estéreis (1916/1971, p. 193), ou, para falar como Ulmann (1964, p. 169), palavras transparentes e palavras opacas. Nos casos examinados acima,⁹ não há como não reconhecer um pendor para as palavras produtivas ou transparentes, dentro de um procedimento em que a analogia tem o seu lugar.

Limitamo-nos, de (12) a (46), a mostrar deverbais colhidos junto à produção lingüística de dois sujeitos, mas não são desconhecidos de nossa experiência, exemplos de mesmo tipo na fala de **outras** crianças da mesma idade. Assim, na fala de NC, sujeito de Perroni (a quem agradecemos), ouviu-se **Olha o meu lambo**, quando a criança passava a língua em sua mão; já na de L (2;10.7), uma das crianças observadas por Santos (op. cit., p. 125), ouviu-se **Não tio, isso me dá canso** (= cansaço), quando L era estimulado pelo professor de Educação Física a correr. Prosseguindo agora com nossos dois sujeitos, seria interessante exhibir, não os casos de formação regressiva, mas, contrastivamente, aqueles que resultam em aumento da palavra. Assim, para se comparar com as formas deverbais e para se somar às que foram transcritas de (1) a (3) e de (8) a (11), seguem-se algumas ocorrências do “corpus” de J, em que se tem formações com -mento e -ção.

(47) (Assim que acorda, J se aproxima da cama da mãe, aninhando-se nela, e, como de hábito, pede que lhe faça carinhos)

J. Começa o **agradamento**.

(D — 4;9.19)

Esta inovação, cunhada por J para designar a sessão diária de agrados de que era costumeiramente o alvo, perdurou vários meses no seu léxico. Surpreendia a mãe — deve-se dizer — não pela novidade em si do item lexical, mas pela espontaneidade

⁹ Dados de outras crianças, que temos tido ocasionalmente a oportunidade de consultar, também nos oferecem exemplos deste fato. Veja-se por exemplo a opção lexical encontrada por Raquel, num diálogo com a mãe, para se referir à **pancada** ou **batida** que sofrera durante a gravação:

(R. conversa com a mãe)

M. Por que o homem deu um beliscão nele?

(alguma coisa cai ou se choca com outra neste momento)

R. Aaa! Que **batão!**

Que **batão!**

M. Que batão, né?

R. Que **batão**, mãe.

M. Bateu, né?

(G — 2;0.12)

ocorrência em que não deve passar despercebido na fala da mãe ali adjacente, o item **beliscão**, também terminado em -ão.

Mas a ocorrência que mais nos impressionou como exemplo de um movimento irrefutável para o motivado ainda não foi mencionada. Trata-se da designação cunhada por um garoto para **tesoura**, objeto por ele referido como **cortina**. Tal dado pertence a J, de 2;9.22 e é referido por Santos (1995, p. 123), em sua tese de mestrado, de onde retomamos o episódio.

(As crianças estavam fazendo uma atividade de recorte e colagem, era a

primeira vez que se utilizava a tesoura na escola)

J. Vai logo Arthur, eu preciso usar a **cortina!**

com que o usava, indiferente ao neologismo que tinha criado. O que reforça a idéia de que, nessa altura, a criança não tem consciência do que produz ou de que isso pode ser diferente da fala do adulto. Se olharmos para os dados atrás transcritos, ver-se-á que isso fica também patente em outro episódio de interação lingüística dessa mesma criança: o da ocorrência de **pinga**, em (42), em que J não se dá conta daquilo que provoca a perplexidade na sua interlocutora, gritando, na suposição de que, deste modo, será ouvida.

Mais exemplos:

(48) (Aguardando a mãe no carro, a criança se impacienta)

J. Que **demora**ção!

(D — 4;11.19)

(49) (A, aborrecida com alguma coisa, chora sem parar; J se irrita)

J. Que **chora**mento!

(D — 5;2.3)

Alguém poderia dizer que **agradamento**, **demora**ção, **chora**mento surgiram em situações em que a grosso modo se poderia ter **agrado**, **demora**, **choro**, formas derivadas por regressão, relativas aos processos/ações de agradecer, demorar, chorar. Mas quando se relêem essas falas vê-se que a substituição das formas com os sufixos -mento e -ção por suas correspondentes deverbais anulária, destruiria o efeito semântico concretamente alcançado por aquelas. De fato, **agrado**, assim como **choro** ou **demora**, parecem recortar o **resultado** do processo, de maneira tal que se apaga o transcórre o e a duração (que pode ser prolongada) do processo ou ação. O que se quer dizer é que o aspecto da **dura**ção parece poder ser melhor captado, no caso, por exemplo de (47), pela formação com o sufixo -mento.

Haveria assim diferenças quanto à aceitabilidade das novas formações? É provável que sim. Todos os itens selecionados para compor esse trabalho soaram — em maior ou menor grau — estranhos aos ouvidos do interlocutor, já que, como dissemos, nos surpreenderam com uma possibilidade morfológica divergente do uso lingüístico adulto. São formações que escapam ou fogem ao que está cristalizado na língua adulta. Dizendo isto estamos encarecendo o aspecto da diferença. Mas, apesar desta diferença, se observarmos bem, nada há nestes dados que seja totalmente alheio ou estranho ao que se observa na língua já constituída. Nos casos examinados, eles põem em evidência ou tornam visível o “mistério das combinações”, expressão que se toma emprestada de Basílio (op. cit., pp. 6-7). Com efeito, os dados de A e de J só fazem refletir, em última instância, uma característica do português adulto, que toma, de maneira imprevisível, ora a terminação -o, ora a terminação -a, ora a terminação -e, no caso dos deverbais regressivos; ora a terminação -ção, ora a terminação -mento, no caso dos derivados sufixais. O dado da criança, por via de “erro”, ou de ocorrência divergente (como preferimos dizer), confere visibilidade a este fato.

Mas evidentemente, não é só pela peculiaridade da formação neológica ou pelo aspecto da (im)previsibilidade que tais dados nos interessam. É uma questão central na

área de Aquisição da Linguagem — para um investigador que não assume categorias como Verbo e Nome como inatas ou como emergindo por maturação — procurar descobrir, na fala da criança, indícios de quando se começa a operar formalmente com tais categorias. Ora, neste particular, os deverbais nos oferecem um lugar privilegiado para a observação desse fato, porque são formas onde se dá o cruzamento entre o verbal e o nominal.¹⁰

¹⁰ Devo a De Lemos (comunicação pessoal) essa interpretação sobre o fenômeno dos deverbais: o lugar em que se cruzam o verbal e o nominal. Adiantou-me um fato interessante: a única possibilidade que se tem de explicar porque verbos de primeira conjugação possam receber em formações deverbais terminações que serão ora -o, ora -a, ora -e, é o fato de que se comportarão como nomes, como tais recebendo uma das três terminações que são as do nome em português.

(diálogo entre um menino e sua tia, no qual o primeiro pede notícias sobre Teobaldo, o gato com que brincara nas férias, na casa dos avós)

M. Tia, e o Baldo?

A. O quê? Quem?

M. O Baldo.

A. O quê?

M. O Baldo. O meu Baldo, o teu Baldo.

(dado de uma criança de três anos e meio, recolhido por M. Francisca Lier de Vitto)

2. Como é de se supor, a lista das palavras divergentes não se limita, nos “corpora” de A e J, a esses registros onde é visível o deslocamento/deslizamento do verbal para o nominal. Um olhar mais abrangente sobre o léxico em construção na fala dessas duas crianças mostra-nos um fenômeno ainda mais surpreendente, e que, em comum com o atestado nas formações alistadas de (12) a (46), tem o fato de exibir uma forma reduzida da palavra que se supõe ser a derivante.¹¹

Vamos aos exemplos.

(50) (Brincando com o brinco da mãe, A pede)

A. Põe na minha **ora**.

(D — 4;6.20)

(51) (A conta para o pai o que lhe fizera a empregada)

A. Pai, a Maria me deu um **belisco**.

(D — 4;7.7)

¹¹ Temos preferido falar em forma **derivante** em vez de forma **básica** ou **primitiva** para evitar cair numa interpretação do papel absoluto desta na trajetória da aquisição de qualquer gênero de agrupamento, inclusive os paradigmas de flexão. Como já se tem podido observar (v. Maldonado 1995), em relação à marcação de pessoa na aquisição dos verbos com alternância vocálica em português, a fala da criança pode exibir movimentos muito variados, que não se conformariam a uma direção única, univocizante, característica da atuação de uma forma dita básica. Isto tem nos levado a adotar **derivante**, termo mais elástico, capaz de comportar a questão da indeterminação do ponto de partida de uma série associativa (v. adiante nota 26), indeterminação esta que é referida pelo próprio Saussure.

“(…) desses dois caracteres da série associativa, ordem indeterminada e número indefinido, somente o **primeiro se verifica sempre**; o segundo pode faltar”.

(op. cit., p. 147, o grifo é nosso)

Assim, sob o título de “a palavra divergente”, muitos outros movimentos — cujo efeito é passível de ser caracterizado como “imprevisível” — haveria para ser também examinado, inclusive a classe dos **denominais**, cujo conjunto se oferece à observação com igual interesse que os deverbais. Mas deles não nos ocuparemos neste artigo, deixando indicado apenas que tanto o “corpus” de A quanto o de J são fontes importantes para a coleta desse tipo de material.

(52) (A mãe de A faz torradas)

A. Me dá pão **torro**. Dá pão **torro**.

M. Hein?

A (impaciente). Dá pão **torro**.

(D — 5;10.28)

(53) (A quer pôr uma fronha nova em seu travesseiro; sem dizer o nome da peça, apenas apontando, pede à mãe; esta lhe entrega uma fronha grande demais, que a criança recusa, afastando)

A. A **lença** é grande.

(D — 6;11.12)

(54) (A reclama de uma amiga; a mãe então desaconselha a filha de ir à casa desta amiga)

M. Então não vai lá.

A (reavaliando). Não, mãe. Ela tá boa pra mim. Só tem que melhorar o **comporto** dela.¹²

(D — 7;3.10)

Diante das ocorrências de **ora** por **orelha**, **belisco** por **beliscão**, **lença** por **fronha** (por via **lençol?**), (pão) **torro** por (pão) **torrado**, **comporto** por **comportamento**, pergunta-se: seriam algumas dessas ocorrências abreviadas da mesma natureza daquelas que descrevemos como deverbais? De onde vêm estas palavras que soam tão estranhas aos ouvidos do interlocutor? Sob que motivação ter-se-iam formado?

Para algumas delas: **torro** e **comporto**, uma aproximação com os deverbais é até possível se as supusermos derivadas de **torrar** e **comportar** respectivamente.¹³ O mesmo poderia ser dito de **belisco**, visto como deverbal de **beliscar** e não como forma reduzida de **beliscão**. Mas quando nos deparamos com as demais: **ora**, **lença**, a explicação parece requerer uma outra direção de análise, já que não lhes é possível supor um verbo como forma derivante. Para lançar mais elementos na análise, vamos aproximá-las e confrontá-las com outras, também da fala desse mesmo sujeito: **pisça** por **piscina**, **buza** por **buzina**, **gelate** por **geléia** (via **gelatina**), **violo** por **violão**, **sombra** por “**sombrancelha**”, etc., recolhidas entre três a cinco anos de idade. Seguem-se as ocorrências, retomadas de Figueira (1985).

¹² É muito curioso o que acontece nesta fala de A. Se, por um lado, tal fala aparece “colada” a um discurso, o da professora que avalia seus alunos, repetindo-o (“Tá bom, só tem que melhorar o comportamento”), por outro lado exibe um rasgo idiossincrático: a palavra **comporto** em lugar de **comportamento**, que rompe com uma expressão incorporada em bloco daquele discurso. Aliás, deve-se dizer que a interpretação deste item não é clara: **comporto** é redução de **comportamento** ou é deverbal de **comportar**? Não precisamos, contudo, da resposta para concluir que se está diante de um fato que evidencia uma operação sobre a estrutura da palavra e isto é tudo que se quer mostrar aqui.

¹³ Tal interpretação teria, contudo, que conviver com outra que apontaria para uma diminuição da palavra como resultante não de um processo morfológico, mas derivado da constituição rítmica, portanto prosódica. Tal interpretação apóia-se, como adiante se verá, em hipóteses levantadas por Abaurre (1991, 1993) para a segmentação na escrita inicial.

(55) (No caminho para sua casa, A passa diante de uma chácara onde tinha nadado dois dias antes)

A. É aqui que nosi nadou na **pisça**.

(o pai passa rapidamente de carro e A não enxerga a piscina)

A. Eu não vi a **pisça**.

(D — 3;2.24)

(56) (A observa com interesse o painel do carrinho de brinquedo, procurando a buzina)

A. Cadê a **buz**a deste carrinho!

(D — 3;5.23)

(57) (Mãe e filha vão colher amoras no pomar)

M. Hoje tem muito, Anamaria. Vamos fazer geléia?

A. Ah, não!

(minutos depois, A se interessa pela proposta da mãe)

A. **Gelate** de quê?

(A aperta uma amora, enquanto a mãe pensa no que acabara de ouvir)

A. Mãe, olha o sangue dela!

(D — 3;9.28)

(58) (A olha para um violão de brinquedo que está fora de seu alcance, na estante da sala)

A. Eu quero aquele **violo**.

(D — 3;6.29)

(59) (A está brincando com a mãe)

A. Pra que esta boca tão grande?

M. Pra te comer.

A. Pra que estes olhos tão grande?

M. Pra te olhar.

A (fazendo uma inovação no jogo). Pra que este dente tão grande?

M. Pra te mastigar.

A. Pra que esta **sombra** tão grande?

M. O quê?

A. Esta **sombra**? (apontando para a “sombracelha” da mãe)

M.?!)

(D — 4;5.24)

- (60) (A mostra à mãe o que a professora lhe ensinou)
A. Hoje a professora ensinou: “Quantos olhinhos? Dois.
Quantos **sombra**? Duas. Quantos nariz? Um. Quantas boca?
Duas, porque tem uma embaixo e outra em cima”.
- (D — 5;5)

É bom lembrar que ocorrências como as acima já foram, à falta de melhor termo, chamadas de pseudomorfemia, resultantes de uma hipersegmentação. Hoje, dir-se-ia melhor, exemplificam um movimento em que se procura dotar de significados segmentos da cadeia sonora potencialmente capazes de suportar um processo de ressemantização, processo que revela relações (inesperadas) entre significantes e significados construídos livremente pela criança. Já mostramos (Figueira, 1996) que estas e outras ocorrências que se apresentam aos olhos do leigo como “deformações” impostas pela criança a determinadas palavras (tais como **chutebol** (para **futebol**), **caminhãob(r)equ** (para **calhambeque**), etc.), derivam do fato da criança conferir significado a material fônico, por assim dizer, “disponível” ou “ocioso”, tendo algo a ver — enquanto produto — com as segmentações alternativas dos jogos lingüísticos adultos (ex.: “Não vamos comemorar, vamos bebemorar”), e, lembrando, por outro lado, o fenômeno das falsas etimologias.¹⁴ Quando se observa o **sombra** produzida por A, não é difícil ver que poderá ser interpretada como resultante de um processo que cria limites sobre uma seqüência fônica (**sobrancelha** ou “**sombrancelha**”) que soa como conhecida ou semanticamente motivada, justificando-se o corte.

Os termos usados para descrever esse fenômeno: “deformações” ou “distorções”, mostram como são recebidas pelo observador tais criações, mas nem sempre se poderá atribuir à criança a consciência de que toma uma direção alternativa ou diferente (daí o uso que se fez das aspas). Aliás, a segmentação divergente, fenômeno cujo produto é percebido como um “deslocamento” dos limites das unidades, pode estar, em última análise, relacionado com a questão de como a criança “enfrenta” uma palavra ou seqüência nova que acaba de ouvir pela primeira vez. E, neste domínio, temos outros dados interessantes a exhibir. É exemplar um trecho de gravação entre J e sua mãe, onde se manipula uma carta recém-chegada: J, aos 4;5.25, se interessa por “ler” o que está escrito no envelope, e, em certa altura, depois de ouvir a mãe dizer que no verso da carta está escrito “o nome do **destinatário**”, replica, produzindo uma seqüência que seria, aproximativamente: “Deu disse no Natal?”.

Também ilustrativo é o diálogo em que uma palavra que se ouve com certa freqüência em determinado contexto (“urgentemente”) é substituída, na seqüência, por

¹⁴ Tenha-se em conta o que diz Saussure (op. cit. p. 202):

“Acontece-nos por vezes estropiar palavras cuja forma e cujo sentido nos são pouco familiares e, às vezes, o uso consagra tais deformações. Assim, o antigo francês **coute-pointe** (de **coute**, variante de **couette**, “cobertura”, e **pointe**, participio passado de **poindre**, “picar”) mudou-se em **courte-pointe**, como se se tratasse de um composto do adjetivo **court** e do substantivo **pointe**. Essas inovações, por extravagantes que sejam, não se fazem completamente ao acaso; são tentativas de explicar aproximativamente uma palavra embaraçante relacionando-a a algo conhecido”.

E adiante (id., p. 203):

“(...) deforma-se a palavra para acomodá-la aos elementos que se acreditam reconhecer nela (...)”.

outra, formalmente semelhante. Neste caso, o que preside a escolha é, ao contrário dos casos acima, exclusivamente uma relação de forma, não de sentido e nem mesmo categorial.¹⁵

(60') (A brinca de telefonar; entregando o fone à mãe, fala em tom dramático)

A. Mãe, ela quer falar com você **in — te — li — gen — te!**

M. “Inteligente”?! Ah, urgentemente!

A. É.

(D — 4;6.9)

Para figurar ao lado das ocorrências acima, poderíamos trazer agora uma ocorrência — ainda extraída do Diário de A — que tem a particularidade mostrar uma segmentação alternativa sobre um nome de pessoa!

(61) (Na piscina, numa situação informal, A procura se aproximar de uma moça, perguntando-lhe o nome; a moça diz: **Dagmar**. A criança repete a pergunta três vezes, a moça respondendo **Dagmar**. Na quarta vez:

A. Como cê chama?

D. Dagmar.

A (entre curiosa e brincalhona, rindo). Ah, Dagmar!

Não é **Dagchão?**

D.?!

OBS.: Era a primeira vez que A falava com a moça e a primeira vez também que ouvia este nome.

(D — 5;3.16)

O mínimo que se poderá dizer desta ocorrência é que A — abusadamente ou não (não vamos discutir o aspecto da exploração consciente, intencional pela criança, da

¹⁵ A este respeito ver também Castro (1993), que recolheu exemplos interessantes do que chamou de estratégia de preenchimento, que se aplicaria sobre “um arcabouço definido em termos de sílabas e espaços silábicos, estes por sua vez realizados conforme certos processos fonológicos” (op. cit., p. 87). Também Perroni (1983/92) já tinha observado a presença do fenômeno em seu “corpus” sobre narrativa.

Digno também de nota é o fato de que, em algumas ocasiões, a forma alcançada pela criança não exibirá senão restos de sua configuração formal, garantida mais por **outras relações** do que pela correspondência exata aos segmentos fônicos da palavra original. Para ilustrar esta situação trazemos aqui um episódio em que a criança, para justificar sua desistência em prosseguir um passeio com a mãe, tem que nomear uma coisa banal: o espinho do capim. E ela o faz através de uma palavra estranha: **capito**; mas onde não se pode deixar de ver outra palavra por detrás: **capim**, que teria se cruzado com a primeira. Diante da reação da mãe, a criança a substitui por outra, igualmente estranha: **piname**. Numa tentativa de análise, ver-se-á que esta, como aquela, exhibe “restos” ou “pedaços” da palavra evocada com a palavra entrecruzada: **capim**, para o objeto cujo nome lhe escapa: **espinho**. Abaixo a interessante ocorrência que, de resto, ajuda a entender porque, mesmo podendo criar uma palavra inteiramente nova, a criança não o faz.

(passando no quintal com a mãe, A quer voltar)

A. Mãe, não posso andar nesse mato.

Tem muito **capito**.

M. Capito?

A. É, tem muito **piname**.

(D — 3;6.3)

oportunidade de fazer graça ou construir um trocadilho...) ¹⁶ — operou uma substituição na parte “conhecida” deste material, destacando-a e contrapondo-a a **chão**. Movimento este não muito distante daquele que, aos 4;5.9, a guiou em comentários como: “**Primavera** parece **Vera**, né mãe?” (fala dirigida à mãe quando esta lhe apontara a trepadeira no jardim); e que, mais tarde, aos 7;0.17, a fará colocar, de maneira mais explícita, numa pergunta, a indagação sobre forma e sentido de uma palavra: “Quando tem dois neto chama **bisneto**, né mãe?” (fala dirigida à mãe num momento de interesse pelas relações de parentesco e sua forma de nomeação).

Mas já aos 5;3, no episódio (61), ou antes, nas segmentações “equivocadas” sobre **piscina**, **buzina**, **violão**, **beliscão**, etc., A exibe para o investigador um indício deste movimento de recorte de unidades, que faz parte do seu conhecimento (em construção) da língua — fenômeno que, de resto, interessa a qualquer abordagem do desenvolvimento lingüístico da criança. Essas e outras ocorrências põem a mostra um aspecto não negligenciável da relação da criança com a linguagem.

Não resistimos aqui à tentação de incluir mais um dado, de onde emerge — instigante — a questão do nome próprio e sua suposta inanalizabilidade. Ele procede de um episódio que nos foi narrado por M. Francisca Lier de Vito (a quem somos gratos), e que se toma a liberdade de aqui reproduzir, para uma análise em conjunto com **Dagchão**. Envolve um menino francês de mais ou menos 3;6 de idade, que passa as férias com os tios no Brasil (o pai é francês, a mãe é brasileira). Seus avós tinham um gato que se chamava **Teobaldo**, companheiro de brincadeiras do garoto. Quando voltou para a França, dias depois, falando ao telefone com a tia, o menino perguntou: — Tia, e o **Baldo**? Ao que a tia respondeu: — O quê? Quem? O menino: — O Baldo! E a tia novamente: — O quê? No desfecho deste diálogo ouviu-se então esta incrível seqüência:

Menino: O Baldo, o meu Baldo, o **teu Baldo**.

Aproximando as duas ocorrências (**Dag-mar** e (**Teo**)-**Baldo**), caberia deixar assinalado o seguinte ponto: na fala de A o nome próprio **Dagmar** tornou-se, momentaneamente, de opaco a transparente, permitindo (para fins de graça ou não), uma “análise” de sua estrutura. Quanto ao menino, este teria considerado — até onde se sabe — a seqüência **Teo Baldo** como naturalmente composta, nela encontrando segmento semanticamente relevante e independente (**teu**); apto a se alinhar com outros da mesma natureza, como aliás a sua última fala, no diálogo acima, dá a ver. Nesta, **teu** de **teu Baldo** entra explicitamente em relação de substituição com **meu Baldo**, matando para a tia a “charada” que a sua fala tinha involuntariamente construído.

¹⁶ Deixemos aqui antecipado a relevância deste dado para a abordagem do tema da exploração refletida e consciente de mecanismos lingüísticos para construir ou entender trocadilhos, fazer ou compreender piadas. Quando a criança chega a mostrar claramente esta habilidade metalingüística? A tendência entre os estudiosos é situar este momento num ponto bem avançado do desenvolvimento lingüístico da criança, muito além dos cinco anos de idade (v., por ex., Clark 1978). Não abordaremos esta questão aqui, limitando-nos a assinalar a sua importância.

Sob esse aspecto a fala da criança oferece exemplos interessantes para contrargumentar ao que diz Saussure sobre a resistência do nome próprio a analogia (op. cit., p. 201):

“As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. **Paris, Genève, Agen** etc.), que não permitem nenhuma análise e por conseguinte nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles”.

E quando se tem em conta ocorrências como: **Jesus-mais-além** para **Jerusalém**, alteração atestada na produção lingüística de um falante adulto por Eni Orlandi, (que tomamos a liberdade de aqui incluir), pode-se ir mais longe, observando-se que também na língua adulta ordinária (e não estamos ainda falando dos trocadilhos ou chistes...),¹⁷ o falante opera recortes sobre nomes próprios, que não resistem como opacos, submetendo-se a uma segmentação que encaixa outros sentidos.

Voltando à produção lingüística da criança, deve-se lembrar que Peters (1985) deu acolhida ao fato de que as unidades percebidas e usadas pelas crianças não são necessariamente as mesmas unidades postuladas pela teoria lingüística para a língua adulta. As crianças extraem fragmentos do discurso do interlocutor adulto, segmentando-os de maneira muito particular. Neste processo há lugar para situações muito variadas, que se enquadrariam, segundo a autora, em três casos: a) casos de subsegmentação (e aqui incluímos o caso do uso do bloco “Quantoisso” de A, em exemplos como: “Quantoisso eu vou mamando, cê vai estudando”, ou “deus-te-ajude”, em exemplo como: “Eu deus-te-ajude (= espirrei) com a bala na boca”); b) casos de segmentação confusa (e aqui exemplificamos com as ocorrências de **o amoto (a moto)**, **o isque (o uisque)** e **o alião (o leão)**, das falas de A e de J); c) casos de supersegmentação.

Não seria difícil encaixar nesta última classe os casos de **pisça, buza e violó**, nossos exemplos em (55), (56) e (58). Todos eles apontam para uma segmentação, um corte que se produz — até onde se pode ver — por uma motivação semântica. Um suposto “morfema” de “diminutivo” ou “augmentativo”, favorecido ou autorizado pela semelhança formal com outros itens como **pequenina, lobão**, etc., do vocabulário corrente da criança, em que tais formas estão presentes, e com as quais aquelas teriam provavelmente entrado em relação.

Assim, parece possível sustentar que, nos casos (55)-(60) acima, há um fator semântico a guiar o corte. Mas pergunta-se agora: que motivação semântica pode ser

¹⁷ Para tal ver Freud, “Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente”, onde se lê, por exemplo, a certa altura, o seguinte comentário sobre os nomes próprios submetidos a chistes:

“A opinião pública européia foi responsável também por um chiste cruel ao trocar o nome de um potentado de Leopold para Cleopold, devido às relações que ele mantivera certa vez com uma senhora cujo primeiro nome era Cleo. Esse indiscutível produto de uma condensação mantém viva uma perturbadora alusão às custas de uma única letra. **Os nomes próprios em geral são fáceis vítimas deste tipo de tratamento pela técnica do chiste.** (Freud, 1905, op. cit., p. 34; o grifo é nosso)

convocada para explicar as reduções de **orelha** para **ora**, e supondo que por trás de **lença** esteja a palavra **lençol**, a redução de **lençol** para **lença**?

E para que não se pense ser este um caso idiossincrático, presente apenas na fala de A, queremos deixar registrados dois outros, ainda mais surpreendentes, que nos vêm do “corpus” de J. Esta criança, depois de já ter integrado a seu léxico os itens **palhaço** e **sandália**, produz **palho** e **sanda** e, mais interessante ainda, não parece, aos 2;7 — 2;9, dar-se conta da “extravagância” do que acaba de produzir!

(61) (Vendo um palhaço na televisão, J exclama)

J. Ó o **palho**, mãe.

M (corrigindo). “Palhaço”.

(D — 2;7,19)

(62) (Mexendo na sapateira, J descobre uma sandalhinha que pertencera à irmã, quando tinha sua idade)

J. Uma **sanda**.

M. O quê?

J. Uma **sanda**.

(A, a irmã três anos e meio mais velha, ri da fala de J)

(D — 2;9.29)

Neste ponto é útil introduzir na discussão alguns outros elementos, que nos vêm do trabalho de Abaurre (1992), quanto à delimitação de hipóteses sobre a segmentação não da fala mas da escrita inicial. É possível que o que se observa na aquisição da língua escrita não esteja muito distante do que observa na aquisição da língua oral, e que esta possa até mesmo apresentar precedentes do que acontecerá naquela.

Recordemos que em português as palavras podem receber um acento fonológico na antepenúltima, na penúltima ou na última sílaba. Mas conforme esclarece Abaurre (op. cit., p. 11), destas três possibilidades, o acento na penúltima é “de longe o mais freqüente, definindo o padrão paroxítono de acento característico da maioria das palavras nativas da língua (i. e., diretamente derivadas do latim)”. A autora mostra que em textos espontâneos “as soluções infantis não-convencionais mas freqüentes para problemas de segmentação levaram à proposta de “palavras” trissilábicas paroxítonas” (id. ibid.). Mas não só isto. Foi encontrado também no “corpus” por ela utilizado evidência de segmentação onde parece privilegiar-se “palavras” dissilábicas paroxítonas. Eis alguns exemplos, extraídos de Abaurre (op. cit.): **sero humano** (para **ser humano**), **cata puta** (para **catapulta**), **cala bolso** (para **calabouço**). Outros exemplos também encontrados em Abaurre (1992, p. 41) mostram para **singelamente**, várias opções de segmentação, entre as quais: **sim jelamente**, **sim jela mente** e **sinja lá mente**; para **soletra um verso**, **sola com um verso**, entre outras. Consultando outro material, os “livrinhos” compostos por crianças na faixa de 4,5 anos de idade (do material recolhido e analisado por Pfeiffer (1995), encontramos também exemplos do mesmo fato: assim Léo segmentou a palavra **relâmpago**: **relão ripago**.

Apesar de reconhecer que é difícil determinar o critério que está por trás das escolhas de segmentação de cada criança (no que estamos de acordo: será sempre semântico? é semântico e/ou prosódico?), Abaurre não descarta a possibilidade de que as crianças estejam operando “com algum tipo de forma canônica da palavra na língua, para cujo estabelecimento possa estar contribuindo a percepção que já têm da organização rítmica e prosódica dos enunciados” (1991, p. 12). De fato, como observa, nos exemplos acima referidos há “uma forte influência dos **pés binários trocaicos**” (id., ibid.). Ou seja, unidades constituídas de duas sílabas, sendo a primeira mais forte do que a segunda. Uma longa (-) e uma breve (◡).

A explicação sobre os fatos da escrita, avançada por Abaurre, poderia servir de base para compreender os **sanda, palho, lença e ora** de nossos sujeitos? Em tais casos, onde é mais difícil sustentar que há um critério semântico presidindo as formações, surge como explicação plausível a hipótese de que se conformam a um padrão rítmico elementar da língua, padrão com base no qual se estrutura o ritmo dos enunciados.

Assim, em (61) e (62), observa-se que a criança, ao produzir as formas derivadas **palho** e **sanda**, cria palavras que se conformam a um padrão de palavra **dissílaba** paroxítona, padrão este que pode ser tido como a forma que realizaria a palavra ótima ou ideal na língua. Sabe-se que na teoria fonológica atual, há lugar para se defender uma hipótese que contempla o fenômeno da chamada “minimal word” (Kenstowicz 1994): “em muitas línguas palavras de uma mora ou uma sílaba são evitadas: uma exigência de uma (palavra) bimoraica ou dissilábica se impõe” (op. cit., p. 640, a tradução é nossa).¹⁸

De grande interesse para a confirmação da existência de uma palavra ideal poderia ser a observação do que acontece com os nomes próprios de pessoa e hipocorísticos, com os quais a criança se vê às voltas nos primeiros anos de sua vida. Neste ponto, é J — observada mais precocemente do que A — quem nos oferece material para análise, com as formas espontaneamente criadas para se referir às pessoas de seu convívio diário: a irmã mais velha, Anamaria (assim chamada pelo pai e pela mãe, e não por qualquer outro apelido), e a empregada, D. Isabel (assim chamada pelo pai, pela mãe e por Anamaria). É importante assinalar que a primeira foi “batizada” por J, a partir dos 1;8 de idade, de **Tatá** (palavra dissílaba oxítona), mas, adiante, aos 2;3 de idade, passou a ser chamada de **Táta** (palavra dissílaba paroxítona, constituída de um pé trocaico). A primeira foi imediatamente incorporada e adotada pela família, que a saudou com entusiasmo, como aliás acontece com todas as inovações vocabulares da criança pequena. Como se explicaria adiante a mudança para **Táta**? Supõe-se que a complexidade sintática crescente dos enunciados de J, que passaram a ter mais de duas-três palavras, possa ter sido, de algum modo, determinante dessa alteração, em conjunto com a “entrada” de padrões rítmicos diferentes.

Vejamos agora como outra pessoa do convívio diário de J — D. Isabel — foi por esta chamada (**Bebel**), cabendo transcrever a ocorrência em que a criação de J foi atestada. Nela, como se poderá ver abaixo, dá-se crédito ao depoimento da própria envolvida, D. Isabel, que a recebeu com surpresa, igual reação se observando no resto da família, para a qual era certo que J jamais ouvira tal apelido, aplicado a D. Isabel ou

¹⁸ Somos gratos à Maria Bernadete Abaurre pela indicação desta leitura.

outra pessoa de mesmo nome. Sua denominação só podia ser criativa, e neste sentido, não reprodutiva.

(62') (De seu berço, J chama D. Isabel; com isso surpreende a mãe, pois ninguém a chamava assim; pede-se então o depoimento da própria D. Isabel, que informa do início deste procedimento)

J. Ô Bebel! Ô Bebel!

OBS.: Há três dias J adotara esta forma de chamar D. Isabel.

(D — 1;8.13)

Aqui, como em **Tatá** ou **Táta**, o que chama a atenção é, em primeiro lugar, a forma reduplicada a preencher o espaço de duas sílabas. E como comentário não de todo marginal, deve-se fazer notar que, na sua trajetória de aquisição deste nome próprio, J reproduz ao inverso o caminho que os adultos percorrem ao criar os hipocorísticos. De fato, **Bebel** é também o apelido que os adultos destinam a uma grande parte das pessoas chamadas **Isabel**. Para uma discussão sobre hipocorísticos e geratividade, v. Ilari 1983.

Numa primeira e provisória abordagem desta e das criações dissilábicas anteriores (**sanda**, **palho**, etc.) pode-se deixar esboçada a idéia da palavra mínima como explicação; mas tendo-se a cautela de reconhecer, como, de resto, o faz a própria Abaurre, que fatores diversos dos meramente fonológicos podem estar contribuindo para o resultado final. E neste ponto, o dado que nos inspira a tomar esta posição é o de **lença** (para **fronha**), que merece ser tratado a parte. Ao lado de outro, que, propositalmente, deixamos até agora intocado: o de **gelate** em (57).

Mas tomemos inicialmente (53): **lença**.

Esta ocorrência se conforma às demais (**sanda**, **palho**, **ora**) no sentido de refletir a estrutura básica de uma “minimal word”, cujo padrão rítmico é o de uma dissílaba paroxítona. Mas esta explicação não parece ser suficiente: por que **lença** e não **lenço**? Notar que, de **sandália** se chegou a **sanda**, e de **palhaço** a **palho**, ambos com terminações que preservam a marca de gênero da palavra derivante. Como isto não acontece no caso de **lença**, é preciso ir um pouco além e contemplar algo da estrutura morfológica da palavra que se supõe implicada ou atravessada nesta inovação (e que se acredita ser **fronha**). É possível que este fato possa contribuir para a explicação da palavra resultante: **lença**. Quer-se avançar aqui a suposição de que esta forma deriva, na fala da criança, de **lençol**, mas passa também por **fronha** — a palavra esquecida ou ausente — da qual se manteve a marca de gênero.¹⁹ Por outras palavras, **lença** resta como produto do entrecruzamento tornado possível entre **lençol** e **fronha**.

A ocorrência **gelate**, em (57), poderá ser abordada seguindo-se a mesma linha de explicação. Inicialmente deve-se fazer ver uma particularidade que a outra ocorrência não tem: o diálogo entre mãe e filha exhibe o item **geléia**, no convite feito pela mãe à criança. Mas não é este o item que A reproduz quando tem de falar deste objeto

¹⁹ Enquadra-se bem nesta linha de explicação, a suposição esboçada atrás (v. nota 5) para **risco** em vez de **risca**, na qual se vê de algum modo refletida a palavra **linha**, terminada em **a**.

Quanto a **lença**, não se pode deixar de notar que a forma assume -a e não -o como terminação também como tentativa de escapar à homonímia: **lenço** é uma outra palavra, que designa outro objeto.

minutos depois, ao resolver aceitar o convite da mãe. Aí o que emerge, para surpresa da mãe (que, intrigada, se põe a pensar a respeito...), é o item **gelate**, cuja forma obriga a avançar a suposição de **gelatina** como forma que atravessou a referência a geléia. Sem isto fica difícil, senão impossível, construir uma explicação.

Se reservamos algum espaço para levantar os pontos acima é por acreditarmos que a base de todas essas ocorrências de que resultam palavras divergentes (a demandar maior ou menor trabalho de interpretação/decifração), são **as relações** que se estabelecem entre material, consciente ou inconscientemente alinhado, presente ou apenas evocado na cadeia dos enunciados. Como não poderia deixar de ser, a fonte é Saussure, no capítulo do *Curso* sobre Relações Sintagmáticas e Relações Associativas, e o que disto se retém na proposta de ressignificação de De Lemos (1992).²⁰ Para explicar a gama tão variada de fatos que se acumulam quando se está disposto a observar a fala da criança, da forma como a concebe esta autora, isto é, sem higienizá-la ou despojá-la de seus “erros”, é útil ter em conta o que diz Saussure no capítulo acima: “Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”. (op. cit., p. 146). Assumindo que as relações podem ser desencadeadas tanto pela matéria fônica, quanto pelo significado, quanto por ambos, ganha-se em alcance de explicação.

Que cruzamentos inesperados, advindos de relações que tocam seja uma, seja outra, seja ambas as faces do signo, possam explicar boa parte das palavras estranhas produzidas pelas crianças, muitas outras ocorrências infantis além das aqui exibidas (e não apenas infantis, lembremos dos lapsos na fala dos adultos...) poderão vir em apoio. Como não é nosso objetivo, nesta altura, ampliar demais a análise nessa direção, vamos nos restringir a lembrar a ocorrência de **capito** e **piname** (para **espinho**), comentada na nota 15, e convidar o leitor a considerar apenas mais outras três: a primeira, registrada

²⁰ O destaque às relações como base das mudanças lingüísticas operadas na produção lingüística da criança foi colocado por De Lemos em seu artigo “Processos metaforicos y metonimicos como mecanismos de cambio”, no qual se faz uma revalorização do estruturalismo, e novamente tematizado em “Língua e Discurso na Teorização sobre Aquisição da Linguagem” (1995). De fato, é crucial para a interpretação desses dados, ter-se presente o que diz Saussure na seção 3, do capítulo Relações Sintagmáticas e Relações Associativas:

“Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isto tantas séries associativas quantas relações **diversas** existam”. (op. cit., p. 145, o grifo é nosso).

Ao trecho acima segue-se a citação a **enseignement** como exemplo que convoca uma série associativa em que o elemento comum é o radical; outra em que é o sufixo; outra em que é o significado; e por fim aquela em que o elemento comum é tão — somente o da imagem acústica (este último caso tendo merecido da parte dos organizadores do livro uma nota para atestar sua existência, graças a uma “categoria inferior (sic) de jogos de palavras”, baseadas pura e simplesmente nas homônimas). E adiante, a conclusão que nos interessou reter acima, no texto.

“Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (op. cit., p. 146).

De fato, é o que cabe realçar quando se tem em mira a produção lingüística da criança na sua amplitude, abrangendo tanto o erro dito “reorganizacional” quanto o que se tem chamado de erro “enigmático”. Para este último, ver Lemos (1994) e Carvalho (1995).

em nosso Diário de A, ao lado (e no mesmo dia) da ocorrência “Primavera parece Vera, né mãe?”

(63) (A acompanha desfile de misses na tevê)

A. A moça de **maiume!**

(D — 4;5.9)

Nela A acomoda à palavra **maiô**, já de há muito integrante de seu léxico, uma outra palavra, mais precisamente um nome próprio: **Maiume**, da amiga que acabara de conhecer. Ocorrência irrepetível; e da qual se poderá dizer que guarda o vestígio de outra(s) fala(s) por onde a história lingüística pessoal desta criança transitou. É, neste sentido, única. Diferente de outras duas, que perduraram algum tempo em seu léxico singular: a de **aviar**, por **voar**, resultante obviamente de um cruzamento com **avião**, ocorrência já explorada em outro lugar (v. Figueira, 1996); e a da palavra **verdura**, em lugar de **verde**, a perfilar com **madura**, numa espécie de solidariedade de significantes, que não deixa de revelar também uma relação onde se entrecruzaram itens semanticamente aproximáveis (antonímicos, podendo-se dizer). O resultado exhibe uma correspondência, no nível da forma, de uma relação pertinente no nível do significado; e da qual será possível dizer que opera uma limitação do arbitrário do signo.²¹

(64) (a mãe da A meio abacate para ela comer; minutos depois, A entrega à mãe a casca, tendo comido toda a polpa)

A. Olha, mãe! Tá enchido! (= vazio)

M. Hein?

A. Já comi tudo. Dá outro! (e pegando outro abacate) Este é **verduro?**

(D — 3;10.9)

(65) (o pai dá à filha um cacho de uvas; A observa as uvas)

A. Parece que uma tá **verdura** aqui, ó. (aponta uma uva **verde**)

M (interessando-se). Como é que é, bem?

A. Parece que tem uma ruim aqui.

(D — 3;11.27)

²¹ A primeira vez que apresentamos estes dados foi em trabalho comunicado em reunião da SBPC (1982), numa análise (preliminar) em que tais ocorrências foram confrontadas com o princípio de transparência, enunciado por Slobin. Questões como transparência e opacidade foram então tematizadas.

- (66) (durante a gravação, V. oferece uma laranja a A)
 V. Que é isso?
 A. Isso aqui é laranja.
 V. Tá verde essa laranja?
 A. Não, né? Não tá.
 V. Como é que tá?
 A. Tá boa.
 V. Como é boa?
 A. Ah, boa assim que ela tá **verdurinha** pra comê. (=madurinha)
 (D — 4;0.11)

Observando-se agora o “corpus” da outra criança, fato semelhante ocorre com a designação a **varal**, que, em certa altura da produção lingüística de J, passa a se fazer pelo item **varame** — forma que guarda a marca de seu cruzamento com **arame**. Eis a ocorrência.

- (67) (A mãe pergunta à criança)
 M. Onde seu pai machucou?
 J. No **varame**.

(D — 4;10.3)

OBS.: no Diário, a ocorrência é seguida de outra em que a criança repete o mesmo item, sem nenhum sinal de estranhamento.

Não deve passar despercebido que a fala da criança exhibe, em exemplos como os acima, embora de modo não-refletido, um aspecto em comum com o fenômeno conhecido como palavra entrecruzada (“mot valise” ou “palavra **porte-manteau**”): uma amálgama violenta entre duas palavras de maneira a acomodar o significado de uma em outra. No uso ordinário da língua adulta, colhem-se exemplos como: **maravilhástico**, fusão de **maravilhoso** com **fantástico**; no universo da criação literária, pode-se exemplificar com Guimarães Rosa:

“E piorou um tico o tempo, em Minas entramos, serra-acima com os cavalos esticados. Aí o **truisco**; e buzegava” (*Grande-Sertão: Veredas*, p. 410).

“De guiador — a pé, descalço — Pedro Osório: moço, a nuca bem feita, (...) capaz de cravar de engolpe em qualquer terreno uma acha de aroeira, de estalar a quatro em cruz os ossos da cabeça de um marruás, com um soco em sua **cabeloura**, e de levantar do chão um jumento arreado, carregando-o nos braços por meio quilômetro (...)” (*O Recado do Morro, Corpo de Baile*, p.5).

É possível assim, sob esse aspecto, encontrar apoio para a afirmação de que a fala da criança pode, episodicamente, suportar os mesmos processos que estão eventualmente presentes na criação poética ou mesmo no uso corrente da língua pelo falante adulto.

Mas voltemos ao corpo de dados central deste artigo: as palavras reduzidas. Algumas das reduções que se examinaram nesta seção mostraram, de maneira privilegiada, que a direção de explicação para o material aqui reunido não deverá, nem poderá ser única: só fonológica, baseada no ritmo, ou só morfológica, baseada na estrutura da palavra, atendo-se apenas a fatores semânticos e morfossintáticos. É provável que haja uma inter-relação entre estes aspectos, cabendo dizer ou repetir aqui a idéia que tem estado presente em muitas discussões atuais no estudo na aquisição da linguagem: não é possível pesquisar a constituição de determinado fato morfológico, negligenciando uma possível determinação fonológica, e vice-versa. Há que, pelo contrário, procurar revelar — quando existem — as interfaces entre morfologia e fonologia, léxico e fonologia.²²

Como uma parte dos dados considerados em 2. colocou-nos diante de fatos, como a segmentação divergente, que alguns relegam à condição de residuais ou marginais, quer-se aproveitar o espaço final deste artigo para acentuar-lhes a importância, defendendo, como o faz Abaurre (1992) em seu trabalho sobre a escrita espontânea, a relevância do dado singular, idiossincrático. E — à guisa de conclusão — lembrar que, sejam quais forem os critérios que estão por trás dos recortes diferentes operados pela criança, aquilo que a sua fala dá a ver é parte do que se chama o funcionamento da língua, no que afeta uma unidade — a **palavra** — cuja pertinência enquanto nível já se pode contemplar nesta altura da produção lingüística das crianças.

Neste domínio ocorrem, como o leitor terá podido ver (através de alguns comentários ou notas acrescentados ao texto), fenômenos que não são estranhos aos que se observam na língua já constituída, como os neologismos, as segmentações divergentes que recriam sentidos, as palavras entrecruzadas ou os trocadilhos que visam o riso.²³ Mas é preciso não esquecer que, apesar de, enquanto produtos se

²² Esta linha de raciocínio, que supõe uma convergência entre os dois níveis, obrigar-nos-ia a reconhecer nos dados **pisça**, **buza**, etc., (para os quais se falou em motivação semântica), também o aspecto de conformação a um padrão do tipo dissílabo paraxítono.

²³ Lembremos aqui opções de segmentação à custa das quais se cria não só efeitos poéticos (**eternamente — éter na mente**), como também jogos lingüísticos, que são explorados em anúncios publicitários. A este respeito, veja-se como, em propaganda recente (veiculada na televisão, entre outubro e novembro de 1995), a palavra **menta** entrou num jogo de substituições com outras formas onde caberia o sufixo **mente**, em formações alternativas: **milagrosa-(mente)menta**; **paranóica-(mente)/menta**; **filosófica-(mente)/menta**; **rítmica-(mente)/menta**; **enigmática-(mente)/menta**; **indiscutível-(mente)/ menta**; etc., oferecendo-se para uma leitura em que se tem palavras sob palavras. Em tempo: o comercial anunciava uma marca de pastilha de menta, e apresentava, antes da palavra entrecruzada, um quadro, com um ou dois personagens, em que se procurava jogar com os elementos que tornavam o cruzamento lingüístico, do ponto de vista da interpretação, semanticamente justificável.

Alguns trocadilhos, que circulam anonimamente entre nós, fazem o mesmo: “Não vamos comemorar, vamos bebemorar”, “aqui não se toma café, mas chafê”. Já outros, estão circunscritos ao espaço humorístico assinado por um autor, como a coluna de Jô Soares, que nos oferece os exemplos:

“A puericultura não é uma horta só para crianças”.

“Gêmeos univitelinos não são dois irmãos que possuem o mesmo bezerro”.

(Veja, 1995)

assemelharem, há uma diferença a marcar entre eles: no caso da criança não se pode dizer que procedem de um esforço consciente de produzir efeito estético ou efeito cômico, ainda que muitas vezes possam — enquanto interlocutores — nos atingirem desta ou daquela maneira, provocando ora emoção ora riso.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M.B. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín* 11. Campinas: IEL/UNICAMP, 1991:203-217.
- _____. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM. PUC-PA, 5-49, 1992.
- ABAURRE, M.B. & A. da Silva. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em Psicologia: Desenvolvimento Cognitivo — linguagem e Aprendizagem*. vol. 1. S.P.: Sociedade Brasileira de Psicologia, 89-102, 1993.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BOWERMAN, M. Reorganizational process in lexical and syntactic development. In: Wanner & Gleitman (eds.), *Language Acquisition: the State of the Art*, 320-346, 1982.
- CARVALHO, G. M. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em Aquisição da Linguagem*. Tese de doutorado. IEL/UNICAMP. (inédita). 1995.
- CASTRO, W. S. Aquisição da linguagem: algumas reflexões sobre a estratégia de preenchimento. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 24; 75-89, 1993.
- CLARK, E. Awareness of language: some evidence from what children say an do. In *The Child's Conception of Language*. Sinclair, Jarvella & Levelt (eds.). Berlin and New York: Springer, 17-43, 1978.
- DE LEMOS, C. Procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, 1, 1992, pp. 121-136.
- _____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. ATAS DO III ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM. LETRAS HOJE. PA-RS, 9-28, 1995.
- _____. The young word-marker: a study of innovation in the child's lexicon. In *Language Acquisition: the State of the Art*. Wanner & Gleitman (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 390-425, 1982.
- _____. *The Lexicon in Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- FIGUEIRA, R.A. *Algumas considerações sobre um princípio operacional da linguagem*. Trabalho apresentado na 34ª Reunião da SBPC, julho. Campinas-SP. (inédito), 1982.
- _____. *Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança*. IEL/UNICAMP. Tese de doutorado. (inédita), 1985.
- _____. O erro como dado de eleição nos estudos da linguagem. *O Método e o Dado*. Editora da UNICAMP, 1996.

Nestes, não há uma segmentação divergente, mas uma interpretação nova, diferente da “normal”, relativa aos mesmos segmentos, o riso emergindo do descompasso provocado por esta reinterpretação dos pedaços de palavras.

Para conhecer o alcance destes e de outros recursos na produção de efeito humorístico, ver os trabalhos de Possenti (1994a, 1994b). Na fala de psicóticos, v. Almeida (1993).

- FIGUEIRA, R.A. Erro e enigma na aquisição da linguagem. ATAS DO III ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM. LETRAS HOJE. PUC-RJ, 145-162, 1995.
- FREUD, S. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. vol. VIII. Ed. standard brasileira das obras completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1905.
- ILARI, R. *Hipocorísticos e Geratividade*, 1983.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- KHEDI, V. Os deverbais regressivos em português. Perspectiva diacrônica. ANAIS DO XXIV DO GEL, pp. 422-425, 1995.
- LEMONS, M.T. G. de *A língua que me falta: uma análise dos estudos de aquisição da linguagem*. Tese de doutorado. UNICAMP. (inédita), 1994.
- MALDONADE, I. R. *Erros na aquisição de verbos com alternância vocálica: uma análise sócio-interacionista*. Tese de doutorado. IEL/UNICAMP. (inédita), 1995.
- PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1983/1992.
- PETERS, A. Language segmentation: operating principles for the perception and analysis of language. In Slobin, *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, 2. London: L.F.A. Publishers, 1985.
- POSSENTI, S. Fazendo as palavras render: o inconsciente é infantil? *Revista de Estudos da Linguagem*, 2. UFBH, 1994a.
 _____. Os Humores da palavra. *Estudos Lingüísticos XXIII*. Anais do Gel, 1177-1183, 1994b.
- ROSA, J.G. *Grande-Sertão: Veredas*. Rio Janeiro: Livraria José Olympio Ed. (14ª edição), 1967.
 _____. *Corpo de Baile*, R.J.: Livraria José Olympio Ed. (6ª edição).
- SANDMANN, A. J. *Competência Lexical*. Curitiba: Editora UFPR, 1991.
- SANTOS, P. *A construção do significado: um caminho possível...* Tese de mestrado. PUC-SP. (inédita), 1995.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix. Trad. bras., 1971.
- ULMANN, S. *Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*. Lisboa/F. C. Gulbenkian, 1964.